ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

DA REPRESENTAÇÃO AO EMPODERAMENTO: A CONSTRUÇÃO DE VISIBILIDADES JUVENIS A PARTIR DO CINEMA

Ana Paula Maciel Soukef Mendes[1]
Marco Aurélio de Souza [2]
Ione da Silva Jovino [3]
Ligia Paula Couto[4]

RESUMO – O presente artigo se propõe a discutir a construção de visões de juventude no cinema, e como esta construção está relacionada ao projeto "Periferia de Ponta a Ponta: Juventude, Cidadania e Práticas Culturais" (Projeto financiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior - SETI, através do Programa Universidade Sem Fronteiras). A partir de três filmes específicos, *Juventude Transviada* (EUA, 1955), *Edukators* (Alemanha, 2004) e *A onda* (Alemanha, 2008), esta pesquisa procura refletir sobre como os jovens foram e são representados nas produções cinematográficas. O texto destaca algumas visões recorrentes de juventude, que perpassam pela construção de estereótipos e de argumentos clichês de uma visão adultocêntrica. Mais que isso, o artigo coloca em pauta os conceitos de visibilidade, identidade e pertencimento. A partir destas reflexões, o texto procura mostrar um movimento no sentido inverso, que vai da representação passiva ao empoderamento do jovem, tendo como exemplo a proposta cinematográfica do Projeto "Periferia de Ponta a Ponta". Este projeto compreende o jovem como um sujeito social, capaz de sair da representação e apoderar-se dos meios para construir sua própria visibilidade. As atividades, desenvolvidas em diferentes periferias de Ponta Grossa, buscam além do empoderamento uma forma com que os jovens exerçam sua cidadania e ocupem espaços nos quais possam expressar seus anseios e visões de mundo.

PALAVRAS CHAVE – Representação Cinematográfica, Juventude e Formas de Visibilidade

[1] Jornalista e Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pesquisadora do Programa Universidade Sem Fronteiras/Projeto Periferia de Ponta a Ponta, anasoukef@gmail.com
[2] Acadêmico do curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pesquisador do Programa Universidade Sem Fronteiras/Projeto Periferia de Ponta a Ponta, aurelio.as25@yahoo.com.br
[3] Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e coordenadora do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", dialogosjuventude@gmail.com
[4] Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e orientadora do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais", dialogosjuventude@gmail.com

Introdução

O cinema, compreendido como um modo peculiar de representar a vida, é capaz de fornecer importantes informações sobre a sociedade em que vivemos ou sobre determinado tempo histórico. Ainda que de maneira ficcional, o cinema reflete, reproduz e cria visões sobre certos temas. A produção cinematográfica sobre juventude é ampla e complexa. Ampla na medida em que muitas produções, de alguma forma, trazem resquícios sobre o que é ser jovem, ou o que se imagina ser jovem. Complexa no sentido que a juventude pode receber inúmeras interpretações. Em uma rápida olhada na história do cinema, pode-se elencar dezenas de filme que, de alguma maneira, pautam esta temática, tal como *Os esquecidos* (México,1950), *Juventude Transviada* (EUA, 1955), *Laranja Mecânica* (EUA, 1971), *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída* (Alemanha, 1981), *Sociedade dos Poetas Mortos* (EUA, 1989), *Forrest Gump – O contador de histórias* (EUA, 1994), *Diário de um Adolescente* (EUA, 1995), *Meninos não choram* (EUA, 1999), *Requiem para um sonho* (EUA, 2000), *E sua mãe também* (México, 2001), *Os sonhadores* (Itália/França/Inglaterra, 2003), *Edukators* (Alemanha, 2004), *Maria Cheia de Graça* (EUA/Colômbia, 2004), *Escritores da liberdade* (EUA, 2007), *Juno* (Canadá/EUA, 2007), *A onda* (Alemanha, 2008) e muitos outros. Este artigo enfocará especialmente três filmes: *Juventude Transviada*, *Edukators* e *A onda*. Porém, antes de uma discussão mais profunda sobre estas produções, é preciso refletir sobre o universo juvenil.

Pesquisar o mundo juvenil é, por inúmeros fatores, adentrar em um cenário plural e multifacetado, a começar pela indefinição sobre o que é ser jovem. No artigo "Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais", os autores Helena Virgínia de Freitas e Oscar Dávila León refletem sobre as relações e indefinições existentes entre os termos adolescência e juventude. Para eles, o uso destes termos ora se superpõem, ora constituem campos distintos. A definição de juventude pode ser feita a partir de diferentes pontos de partida, seja como faixa etária, período da vida, contingente populacional, categoria social ou geração. Todas, porém, se referem a uma fase entre a infância e a maturidade.

De acordo com os autores, a concepção sociológica clássica marca o fim da juventude a partir de cinco dimensões: terminar os estudos, sair da casa dos pais e tornar-se responsável por uma moradia, casar e ter filhos. Porém essas condições devem ser relativizadas e não bastam para caracterizar este estágio da vida. Há de se levar em conta a coexistência de características tanto da fase adulta como da infância no período da juventude. Há uma tendência, a partir de critérios estabelecidos pelas Nações Unidas, de considerar a juventude como a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos. Mas, como defende o artigo, isto pode variar muito, de acordo com cada jovem e em cada país. O preparo psicológico, as peculiaridades do mundo juvenil, as relações sociais e outras especificidades devem ser levadas em conta nesta definição. A questão etária é muito restrita quando se vai a fundo ao significado do que é ser jovem, como evidenciam os autores:

> Um jovem de uma zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade, como tampouco os setores marginalizados e as classes de altos ingressos econômicos. Por esta razão, não se pode estabelecer um critério de idade universal que seja válido para todos os sectores e todas as épocas: a idade se transforma somente em um referente demográfico (ABRAMO;LEÓN, 2005, p. 13).

Para além da indefinição etária, o mundo juvenil também se mostra complexo quando se busca compreender as características da juventude. Em seu artigo "O jovem como sujeito social", Juarez Tarcisio Dayrell mostra que existe uma série de formas de interpretar este período da vida. Segundo o autor, uma das concepções mais arraigadas no imaginário social é a de que a juventude pode ser vista em sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é entendido como alguém que ainda não chegou a ser, e suas ações no presente são apenas uma preparação para a maturidade. Para Dayrell, esta é uma visão extremamente simplista e marcada por negatividade. Outra óptica tradicional para se entender a juventude é a idéia de uma fase de liberdade, prazer e comportamentos exóticos, caracterizando-se como uma visão romântica desta etapa da vida. Esta concepção traz a idéia de hedonismo e irresponsabilidade. Neste contexto, também há outras tendências, como a que percebe o jovem reduzido ao campo da cultura ou como um momento de crise, dominado por conflitos internos e problemas familiares.

Fugindo das concepções clássicas e rígidas, Dayrell defende que a juventude deve ser vista a partir da diversidade. De modo algum a juventude se reduz a uma simples passagem para a vida adulta. Esta fase assume uma importância enquanto fase real. Tendo isto em vista, o autor defende

que ao invés de 'juventude', devemos falar em 'juventudes'. Uma época marcada por transformações concretas e peculiaridades.

> [...] entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona [...] É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL , 2003, p. 24).

Partindo desta concepção, Dayrell defende o jovem como um sujeito social, marcado por uma historicidade, portador de desejos e movido por desejos, com determinada origem familiar, com relações sociais e que ocupa um lugar social específico.

Estas reflexões são importantes na medida em que ajudam a entender como se constroem os discursos sobre juventude, em especial o discurso cinematográfico. Como será mostrado, algumas das visões discutidas por Dayrell (tal como juventude como sinônimo de problema e crise familiar) estão presentes nos filmes.

Objetivos

Compreender, a partir de três produções cinematográficas específicas, como o cinema traz a público diferentes visões de juventude. Visões estas que dialogam com idéias arraigadas no imaginário social.

Discutir como estas produções colocam em pauta o tema da visibilidade, identidade e pertencimento juvenil.

Evidenciar como o Projeto "Periferia de Ponta a Ponta" inverte a situação da representação passiva da juventude, ao propor que os próprios jovens construam sua visibilidade, de forma que expressem quem são e o que pensam sobre si mesmos e a cultura à qual pertencem.

Metodologia

Esta pesquisa possui dois eixos metodológicos. O primeiro é a revisão bibliográfica sobre o tema juventude, com intuito de buscar conceitos e referência que dêem consistência para a discussão. O segundo, consiste na análise de produções cinematográficas, buscando imagens, diálogos, informações e outros elementos que contribuam para o debate.

Resultados

Análise das produções cinematográficas:

O filme *Juventude Transviada* (*Rebel without a cause*, EUA, 1955), dirigido por Nicholas Ray e estrelado por James Dean, é um marco no que tange ao tema juventude. Esta produção trouxe às telas não apenas imagens, mas um jeito de ser jovem nos anos 50, fortemente influenciado por James Dean, ícone estético e comportamental de toda uma geração. Com efeito, seu contexto histórico a torna uma obra privilegiada no estudo das transformações do que entendemos por juventude. A década de 50, com o surgimento do *Rock N' Roll* e de movimentos literários como o *beatnik*, anunciava a revolução cultural que estava por vir na década seguinte. Ideais de liberdade e rebeldia, bem como o crescente sentimento de diferenciação dentro das categorias tradicionais da sociedade, funcionaram como uma marcha em direção ao que mais tarde seria denominado como "movimentos de contracultura".

Neste cenário, um grande contingente da juventude ocidental – e aqui devemos enfatizar o caráter parcial da afirmação, não caindo em generalizações que retornariam à visão de juventude homogênea -, passa a se enxergar como corpo social, e mais do que isso, no campo do individual, ator social, que, como tal, pode e deve fazer escolhas que denotem seus valores e visões de mundo. São estes os jovens representados em *Juventude Transviada*. É preciso destacar que o filme, na esteira deste amplo processo, traz às telas a juventude que antes estava inserida em uma profunda invisibilidade. Porém, não há como negar que a produção, sendo parte de um momento de tensão,

onde valores cristalizados começam a demonstrar pouco fôlego diante da nova configuração social, reproduz um grande estereótipo: a juventude como sinônimo de rebeldia e irresponsabilidade. Alguns diálogos do filme também deixam passar a idéia de juventude como transitoriedade, ou seja, o jovem como alguém que ainda não chegou a ser, que só se tornará um sujeito quando chegar à fase adulta. Para além de meras generalizações equivocadas, tais representações ilustram um momento de construção da alteridade, onde a negação de valores por parte de um é percebida pelo outro, com diferentes atribuições de significado.

Assim, deste confronto entre duas maneiras de se portar no mundo, estes clichês são construídos a partir de uma visão adulta e reproduzidos no cinema. O filme claramente reproduz o discurso de um adulto vendo a juventude, e a considerando inconseqüente e sem motivos. No artigo "Juventude: a rebeldia em cena ou a utopia no poder", Sandra Pereira Tosta e Thiago Pereira refletem sobre este aspecto: "Como todo grande filme cult considerado imperfeito, *Juventude Transviada* também não foge à regra. Uma das críticas que nos parece pertinente é o adultocentrismo presente na história, ou seja, o modo como os adolescentes são enfocados no filme ser notadamente do ponto de vista adulto" (PEREIRA;TOSTA, 2009, p. 205, In: Juventude vai ao cinema).

O título original do filme (*Rebel without a cause)* é paradoxal neste sentido e reafirma o ponto de vista adultocêntrico. Os jovens são "rebeldes sem causa" para quem? Logicamente para os adultos que os vêem e não compreendem suas atitudes, pois os próprios jovens não se consideram sem causa. O que se vê ao longo do filme é sim uma causa, uma causa inerente a todos os grupos juvenis, que é a busca por visibilidade e reconhecimento. Mais que corridas de carros, brigas e namoros passageiros, *Juventude Transviada* traz às telas jovens que lutam por um espaço de reconhecimento, na tentativa de se tornarem visíveis.

O personagem de Dean não é um jovem encrenqueiro e sem juízo, mas alguém que está buscando uma posição, um lugar de fala, mais que isso, buscando um pertencimento. As mudanças freqüentes de cidade em cidade fizeram com que Dean se sentisse vazio, e a cada novo lugar ele busca uma inserção, busca o sentimento de pertença. Mas este pertencimento não é fácil de ser conquistado, pois gera conflitos (não só entre os grupos jovens, mas com seus próprios pais). Pois os grupos não vêem com bons olhos os "forasteiros" (e isso é típico de uma necessidade grupal de se auto-afirmar e assim tornar-se mais forte) e os pais não vêem com bons olhos os conflitos em que o filho se envolve. *Juventude Transviada* não trata de jovens rebeldes e inconseqüentes, e sim de jovens em busca de visibilidade e identidade, que vez por outra se "metem em encrencas" para conquistar um lugar de fala.

No discurso adultocêntrico do filme também surgem outros argumentos clichês, em que as relações de gênero estão fortemente presentes. E o espectador desatento pode cair em algumas arapucas. Há uma tentativa, em toda a trama, de dizer que Dean é um rebelde porque sua família não segue a estrutura "tradicional". *Juventude Transviada* mostra um pai submisso à mãe. Há uma intenção de dizer que Dean é daquele jeito porque não tem uma referência paterna forte. Algumas cenas mostram o pai de avental, servindo à esposa e acatando tudo que ela diz. É uma clara tentativa de dizer: "cuidado como você cria seus filhos", ou mesmo, "o pai é o chefe da família e deve ter o controle de tudo", do contrário, problemas surgirão. A cena em que Dean clama para que o pai tome uma atitude é um exemplo disso. Vários outros diálogos, e a própria cena final do filme, explicitam este discurso machista e moralista. Apenas um olhar mais atento é capaz de revelar os discursos preconceituosos que percorrem a trama.

Outro importante filme que coloca em pauta a juventude é *Edukators* (*Die Fetten Jahre sind vorbei*, Alemanha, 2004), dirigido por Hans Weingartner. Produzido quase 50 anos depois de *Juventude Transviada*, o filme traz elementos completamente novos sobre a juventude, mas que tem como pano de fundo uma mesma questão – a busca por visibilidade. O filme retrata a história de três jovens idealistas que pacificamente protestam contra o sistema capitalista. Como forma de protesto, os jovens invadem mansões e desorganizam o local, sem roubar nada, deixando apenas a mensagem: "Os dias de fartura estão acabados". Os protagonistas, que se identificam como "os educadores", procuram ocupar um local de fala, saindo do anonimato e interferindo na realidade.

Ainda que em certos momentos o filme reproduza certo saudosismo das mobilizações típicas dos anos 60, esta produção evidencia a existência de novas formas de intervenção social. O filme é um ataque àqueles que gostam de dizer que "a juventude de hoje é apática e despolitizada", ou mesmo, "que os jovens de hoje não querem nada com nada". Esta produção mostra novas formas de mobilização e protesto, que fogem às concepções tradicionais. São novas formas que estão presentes em todo o mundo, seja nos muros grafitados, nas músicas, nas vestimentas ou nas diferentes formas de se exercer e discutir política. O filme nos mostra que os tempos mudaram e que

os jovens não estão apáticos, mas sim ocupando novos espaços e construindo novas formas de visibilidade e de contestação. Dayrell reflete sobre este processo:

> Conforme mostram dados de inúmeras pesquisas, há um esvaziamento das instâncias políticas clássicas, como os partidos e sindicatos e até mesmo o movimento estudantil, como espaços privilegiados da participação juvenil. Parece haver, por parte dos jovens, uma negação dessas formas tradicionais de participação, principalmente quando elas são dominadas pelos vícios do clientelismo e do nepotismo. [...] Ao mesmo tempo, os jovens se mostram mais envolvidos em outras instâncias sociais, o que parece apontar para um alargamento dos interesses e práticas coletivas juvenis que fomentam mecanismos de aglutinação de sociabilidades, de práticas coletivas e de interesses comuns (DAYRELL, 2009, p. 176-177).

Edukators rompe com vários estereótipos, na medida em que apresenta jovens detentores de um discurso, e não jovens como pessoas em construção, que ainda não chegaram a ser. É interessante notar uma passagem do filme, quando um empresário rico, vítima das ações do grupo, reconhece: "Não acho certo o que estão fazendo comigo, mas o idealismo de vocês tem o meu respeito". O mesmo personagem, porém, exprime a idéia de juventude como transição, sendo o próprio um exemplo deste encaminhamento. O empresário, ao deixar de lado seus ideais frente à aquisição de responsabilidades - associadas à vida adulta -, deseja provar ao grupo que as utopias em que acreditam são parte de uma fase, de algo passageiro, e que, ao longo dos anos, serão inevitavelmente esquecidas. Ainda que de uma maneira completamente diferente, o que está refletido neste filme é a mesma luta que se faz presente em *Juventude Transviada* – a luta por visibilidade, reconhecimento e pelo direito da juventude de expressar seus desejos e frustrações.

O terceiro filme sobre juventude que este artigo se propõe a analisar é *A Onda* (*Die welle*, Alemanha, 2008), dirigido por Dennis Gansel. O filme, inspirado em um acontecimento verídico que se deu na Califórnia em 1967, narra como um professor junto a alguns alunos dá início a um movimento, que se torna conhecido como "A onda". O que era para ser apenas um exercício pedagógico da disciplina sai dos limites e ganha contornos inimagináveis. A discussão sobre nazismo, que abre o filme, mostra uma classe consciente dos males do nazismo, porém, conforme o grupo criado pelo professor vai se fortalecendo, começa a emergir um posicionamento totalitário por parte dos membros. E assim se desencadeiam várias ações que levam a um fim surpreendente.

Em paralelo às reflexões sobre o totalitarismo, o que está em discussão em *A Onda* é a construção da identidade juvenil. O grupo/movimento chamado de "A onda" não ganha força pelos seus ideais (afinal, nem se sabe quais são os ideais do grupo), mas ganha força pela questão da identificação, sentimento de pertença e sensação de segurança e proteção que o grupo garante aos membros. O simples fato de ter uma identidade e sentir-se pertencente a um grupo desperta sensações nunca antes experimentadas por aqueles jovens, uma sensação de poder e invencibilidade. A força da união grupal cria na escola uma situação de "estabelecidos" e "outsiders". Todos que estão fora da onda são considerados outsiders, portanto não participam da defesa e do fortalecimento do grupo e por isso se tornam vítimas de pressão e opressão.

O conceito que perpassa toda a narrativa é a questão da identidade. A partir da identidade é que as relações se estabelecem e que os jovens sentem-se livres para exercer seu poder. O que pode parecer ficcional não é. Todos os grupos urbanos juvenis criam formas de identificação e pertencimento. O que não quer dizer, de forma alguma, que isto é ruim e terá um fim trágico (como no filme, ou, tomada como referência maior, na juventude nazista). O fato é que os jovens ao juntarem-se em grupos criam suas próprias formas de reconhecimento e formas de expressar seus pontos de vista e visões de mundo, ou seja, criam formas de sair da invisibilidade e mostrar ao mundo quem são e o que pensam. Por vezes, as diferenças entre os grupos podem gerar conflitos ou disputas por territórios. Às vezes a própria disputa é parte da identidade do grupo, que se constrói para garantir/reivindicar um local (físico ou social).

A Onda contribui grandemente para o debate sobre juventude ao colocar em pauta como se formam os grupos juvenis e como eles se fortalecem, colocando assim em discussão a questão de identidade, pertencimento, visibilidade, reconhecimento e poder. Elementos que, de outra forma, também estiveram presentes nos dois filmes analisados anteriormente pelo artigo, e que, de certa maneira, também perpassam toda a produção cinematográfica sobre a juventude.

Ao trazer para a discussão estas três produções, pretendemos evidenciar como o cinema - por sua capacidade de transmissão e disseminação de valores, ideologias e representações sociais ricas em intencionalidades - é um espaço privilegiado para o debate sobre juventude, e como as

produções, ao mesmo tempo em que reproduzem certos estereótipos e clichês, abrem espaço para novas visões e novas formas de estudar a juventude, trazendo como pano de fundo questões essenciais, tais como identidade, pertencimento, visibilidade, reconhecimento e pluralidade. As diferentes abordagens cinematográficas deixam claro que não se está tratando de UMA juventude, mas de juventudes plurais, com peculiaridades e características diferenciadas.

As representações sobre juventude são plurais. Mas o jovem, entendido como um sujeito social, não deve ser apenas representado passivamente. Ele também é sujeito atuante deste processo. E é neste sentido que o projeto "Periferia de Ponta a Ponta" procura trabalhar, promovendo este empoderamento. O projeto, através do cinema documentário, fornece meios para que os jovens construam suas próprias representações e visibilidades. A proposta cinematográfica do projeto em execução garante que os jovens produzam o roteiro, capturem as imagens e construam o documentário a que se propõem. Acreditamos, portanto, que não há ninguém melhor e mais capacitado para falar sobre juventudes que os próprios jovens.

Referências

ABRAMOWICZ, A. Prefácio. In: BARBOSA, J. (org). **Autores Cidadãos. A sala de aula numa perspectiva multirreferencial**. São Carlos: Editora da Ufscar, 2000.

DAYRELL, J. T. **O jovem como sujeito social**. Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Caxambu. Anais...Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 10/09/2004.

DAYRELL, J. T. (org); TEIXEIRA, I. A. de C. (org); LOPES, J. S. M. (org). **Juventude vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FREITAS, M. V.(org).**Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**.Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/portal/index.php?option=com_booklibrary&task=view&catid=29&id=113&Itemid=124>. Acesso em 23/05/2009.

Filmografia

A Onda (Die Welle, 2008, Alemanha, Direção: Dennis Gansel).

Edukators (Die Fetten Jahre sind vorbei, 2004, Alemanha, Direção: Han Weingartner)

Juventude Transviada (Rebel without a cause, 1955, EUA, Direção: Nicholas Ray).